

A ARTE DE GRAMMATICA DA LINGOA MAIS USADA NA COSTA DO BRASIL, UMA PONTE ENTRE O NOVO E O VELHO MUNDO

Carla Avelino

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Portugal

carla@iscap.ipp.pt

Resumo

O legado de José de Anchieta perdura pela sua dimensão linguística, literária, cultural e histórica, mas também pela profundidade moral, social e humana.

De entre as árduas tarefas de que foi incumbido, o padre jesuíta alcançou o enorme feito de elevar ao privilegiado estatuto de língua o dialecto tupi e de o immortalizar através da sua *Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*, contributo incontornável para a compreensão das origens da nacionalidade brasileira.

Résumé

L'héritage de José de Anchieta se perpétue par sa dimension linguistique, littéraire, culturelle, historique, mais aussi par la profondeur morale, sociale et humaine.

Parmi les difficiles tâches qu'il a accompli, le prêtre jésuite a réussi l'énorme fait de hausser au statut majeur de langue le dialecte tupi et de l'immortaliser au travers de son *Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*, apport inéluctable pour la compréhension des origines de la nationalité brésilienne.

Palavras-chave: português; tupi; Portugal; Brasil; gramática; jesuíta; índios; evangelização

Mots- clé: portugais; tupi; Portugal; Brésil; grammaire; jésuite; indiens; évangélisation

“Porque para ensinar homens infieis e bárbaros, ainda que é muito necessária a sabedoria, é muito mais necessário o amor.

Para ensinar sempre é necessário amar e saber; porque quem não ama não quer; e quem não sabe, não pode...”

(Vieira, Pe. António, “Sermão do Espírito Santo”, *Sermões*, p. 419)

Breve resenha biobibliográfica de José de Anchieta

Nasceu em Tenerife, nas Ilhas Canárias, a 19 de Março de 1534. Filho de pai biscainho (cuja família era aparentada à família de Inácio de Loyola) e mãe natural das Canárias (de ascendência judaica).

Anchieta iniciou os estudos de latim ainda em casa dos seus pais, mas, com vista a aperfeiçoar esses estudos e seguir “maiores sciencias”, em 1551, com apenas 14 anos, é enviado para Coimbra juntamente com o seu irmão mais velho, Pedro Nunes. A escolha de Coimbra, de entre outros factores, estaria relacionada com a ascendência judaica que possuía e que conviria acautelar em Espanha, onde a Inquisição exercia uma acção mais severa.

Pouco tempo antes de chegar a Portugal, em 1548, havia sido inaugurado o Colégio das Artes de Coimbra, a pedido de D. João III, que se esmerou em torná-lo tão bom quanto os mais famosos colégios europeus. Anchieta frequentou o Colégio, destacando-se como um aluno brilhante. Aí recebeu os ensinamentos que a Gramática, a Retórica e a Filosofia lhe proporcionaram, ou seja, assimilou as pedras basilares do Humanismo, que entra em Portugal através deste Colégio. Essa formação terá sido decisiva para moldar e desenvolver o seu gosto e apetência pelo estudo das línguas.

A par do “honesto estudo”, dedicou-se exaustivamente a trabalhos e orações que a sua função, como noviço na Companhia, ditava. Chegava a ajudar a 8 e 10 missas diárias, o que lhe causou danos irreversíveis na coluna e nas articulações; no entanto, apesar dessa condição, continuava com as suas obrigações, pois os danos físicos faziam-se em proveito da alma *ad maiorem Deigloriam*.

Por motivos de saúde é aconselhado, por médicos e seus superiores, a viajar para o Brasil, cujo clima poderia restituir-lhe as forças. A 8 de Maio de 1553, com 20 anos, embarca com o 2º Governador-Geral do Brasil, D. Duarte da Costa, e outros religiosos da Companhia, chegando à Baía a 13 de Julho de 1553.

No âmbito da sua missão apostólica, foi professor de latim (o primeiro da Companhia a ensinar esta língua a outros membros e a filhos de colonos portugueses); escreveu Cartas, Fragmentos históricos e Informações, relatos preciosos através dos quais dava conta, aos superiores e amigos de Coimbra, Lisboa e Roma, de episódios ou rituais próprios dos nativos das capitanias do Brasil, ignoradas pelo “velho mundo” (descreve o clima, a fauna, a flora, a alimentação, os costumes dos índios, tais como a poligamia ou a antropofagia).

Nos seus textos exprime a sua discordância relativa a alguns processos na colonização portuguesa, apontando o dedo à escravização do índio ou até à miscigenação étnica que se inicia com o surgimento dos mamelucos (filho de pai português e mãe índia).

Escreveu sermões, poesia lírica (os poemas mais célebres foram *De Beata Virgine Dei Matre Mia*, composto por seis mil versos em latim e *De Gestis Mendi de Saa*, publicado em Coimbra em 1563, dedicado a Mem de Sá, terceiro Governador do Brasil, irmão do poeta Sá de Miranda), autos religiosos ou de catequese, uma comédia em moldes vicentinos, poemas eucarísticos, um catecismo e textos de doutrina cristã sob a forma de Diálogos para explicar os mistérios da fé. Através destes textos aplicava a pedagogia jesuíta, veiculando os dogmas da Igreja católica, em função da Contra-Reforma e da ideologia tridentina.

A sua vertente linguística ficou exemplarmente registada nas reflexões que deram origem à primeira gramática de língua tupi, impressa em Coimbra dois anos antes de morrer, em 1595 - *A Arte de Grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*.

Em todas as áreas se moveu com elegância e mestria, servindo-se das quatro línguas que dominava na perfeição – o castelhano, o português, o latim e o tupi.

Segundo alguns relatos que nos chegam, terá sido taumaturgo; de entre os milagres que lhe são atribuídos destacaríamos a restituição da fala a uma criança que “...al mādamiento de Ioseph se rōpierō los lazos de la lengua, y distintamente pronuncio”

(Paternina, Estevan, *Vida del padre Ioseph de Anchieta de la Compañia de Iesus y Provincial de Brasil*, 1618, p.223).

Foi nomeado reitor do Colégio de S. Vicente e provincial da Companhia.

A 9 de Junho de 1597 morre com 63 anos, em Rerityba, no Estado de S. Paulo, com “cheiro e fama de santidade; senão nos altares, ao menos na gratidão dos Brasileiros” (Pinto, Álvaro, *Primeiras Letras: cantos de Anchieta, o diálogo de João de Lery, trovas indígenas*, Rio de Janeiro, 1923, p.13).

Missão no Brasil

“...et dixit illis: Euntes in mundum universum praedicate Evangelium omni creaturae”

(Vieira, Pe. António, *op. cit.*, p. 422)

...e assim fizeram...

Ladeado pelo Provincial do Brasil, Manuel da Nóbrega, e de outros padres da Companhia, Anchieta dedicou-se com zelo ao cumprimento da sua missão de evangelização e conversão dos povos nativos à doutrina da Igreja. As festas pias que os jesuítas organizavam visavam não só a diversão dos colonos, mas eram também “...substitutivo das festas de bebedice e cannibalismo” (Álvaro Pinto, *op.cit.*, p.15).

Ao constatar a inexistência de livros para orientar os seus pupilos, escrevia por suas mãos cadernos com os principais preceitos que os alunos deveriam aprender.

Seguindo as *Constituições* de Inácio de Loyola, aprendeu rapidamente a língua dos nativos, junto dos mesmos. Para além da aprendizagem das línguas vernáculas, os jesuítas serviam-se de “línguas” (crianças órfãs enviadas dos colégios de Lisboa para o Brasil), que desempenhavam a função de intérpretes e mediadores da pregação, por mostrarem uma maior apetência para a aprendizagem das línguas.

O papel dos jesuítas no Brasil, depois dos franciscanos e dominicanos, foi fundamental para dissipar as trevas que ensombrevam os nativos e iluminá-los com a luz da fé.

Pêro Magalhães de Gândavo ilustrou (num tom muito pessoal) a língua e o estado em que se encontravam aqueles povos, nas seguintes palavras: “A língua deste gentio todo pela Costa he huma: carece de três letras – scilicet, não se acha nella F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assi não têm Fé, nem Lei, nem Rei: e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente” (Gândavo, Pêro Magalhães, *História da provincia de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, op. António Gonçalves, Lisboa, 1576)

O latim, o português, o castelhano e o tupi – o papel das línguas na aproximação cultural e social de realidades distintas

“Por vezes me aconteceu estar com o ouvido aplicado à boca do bárbaro e ainda do intérprete, sem poder distinguir as sílabas, nem perceber as vogais, ou consoantes de que se formavam (...) Se é trabalho ouvir a língua que não entendeis, quanto maior trabalho será haver de entender a língua que não ouvis? O primeiro trabalho é ouvi-la: o segundo percebê-la: o terceiro reduzi-la a gramática e a preceitos: o quarto estudá-la: o quinto (e não menor, e que obrigou a S. Jerónimo a limar os dentes) o pronuncia-la” (Vieira, p.249).

Como já foi referido, Anchieta dominava na perfeição o latim (como o demonstram vários textos que produziu). A utilização do latim justifica-se pelo facto de se tratar da língua de prestígio, logo, sinónimo de erudição.

Quanto ao português, como refere o seu primeiro biógrafo Quirício Caxa, falava-o com tal fluência “...como se mamara essa língua no leite” (Caxa, Quirício, *Breve vida e morte do padre José de Anchieta*, introd. e aparato crítico de Joaquim Ribeiro, Rio de Janeiro, 1957). O castelhano, sua língua materna, era frequentemente utilizado entre missionários (muitos dos quais de origem espanhola), daí o bilinguismo – português/castelhano - ser usado quase indistintamente por uns e por outros, numa época em que as diferenças entre ambas as línguas eram menos acentuadas do que hoje.

O gosto de Anchieta pelas línguas facilitou o seu trabalho como missionário. Por essa razão se dedicou intensivamente ao estudo da língua tupi, para rapidamente colher frutos desse investimento.

Cedo se apercebeu, juntamente com o padre Juan de Azpilcueta Navarro (biscainho que lhe ensinou as primeiras palavras em abanheenga, língua geral dos índios tupis e guaranis), do mecanismo de funcionamento do tupi – uma língua aglutinante, à base de prefixos e sufixos, como a língua basca.

“É necessário tomar o bárbaro à parte e estar e instar com ele muito só por só, muitas horas, e muitos dias; (...) é necessário trabalhar com a língua, dobrando-a e torcendo-a e dando-lhe mil voltas para que chegue a pronunciar (...); é necessário levantar os olhos ao céu e muitas vezes com oração, e outras quase com desesperação... (Vieira). Os comentários do padre António Vieira deixam transparecer a dificuldade em penetrar no mundo quase indecifrável que é a língua tupi. Obstáculo referido por muitos, nomeadamente, o padre Manuel da Nóbrega que dizia que o tupi era “o latim da terra”, ou pelos jovens missionários que comparavam o tupi ao grego, para estes sinónimo de língua abstrusa.

Anchieta iniciou-se na pregação em língua indígena junto da costa, habitada por muitos portugueses desde o início da colonização. Os religiosos eram ajudados pelos colonos e pelos “línguas” que ensinavam as crianças das aldeias, repetindo aos adultos, na sua língua, as orações e cânticos a Nossa Senhora “...e seus pais, vão com as mãos postas, atrás dos seus filhos, cantando *Santa Maria*, e eles respondendo: *Orapronobis*” (Bechara, Evanildo, cit. Serafim Leite, 1938, “Sobre as ideias linguísticas...”, in *Actas do Congresso Internacional "Anchieta em Coimbra"*, Fundação Engenheiro António de Almeida).

O objecto de estudo de Anchieta: “a língua mais falada na costa do Brasil”; “a língua do Brasil”; “a língua da terra”; “a língua do mar”.

Este é o ponto de discórdia entre estudiosos da obra anchietana. O alvo de estudo de Anchieta na gramática foi “a língua mais falada na costa do Brasil”, como o nome da obra indica. No entanto, talvez devido à pluralidade de dialectos que se utilizavam no seio das várias comunidades de índios, designações como “a língua do Brasil”, “a língua da terra”, “a língua do mar” são muito frequentes entre os diferentes autores. Será que podemos afirmar que todas elas se referem a uma só língua?

Para alguns autores é impensável que o *corpus* descrito por Anchieta tivesse sido “inventado” para simplificar e abreviar o seu estudo. Ao proferir as seguintes palavras “...o tupi que as primeiras exposições dos europeus nos fornecem, não é exactamente aquele que os indígenas falavam: é uma sistematização simplificada, feita para proceder à propaganda religiosa dentro do ambiente indígena” (Câmara, Joaquim Mattoso, *História da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1985), Joaquim Mattoso Câmara foi severamente criticado pelos defensores da legitimidade do tupi antigo de Anchieta, de entre os quais Serafim Leite.

Carlos Assunção parece partilhar da ideia de Mattoso ao referir que se deveria tratar de um tupi já corrompido pelo português. Também Ricardo Cavaliere conclui que o texto final da *Arte*, publicado em 1595, não é o mesmo dos manuscritos, através do qual circulou anteriormente, mas uma versão aperfeiçoada ao longo de 46 anos. Para o comprovar cita o próprio Anchieta quando diz que “A Arte sendo pelo tempo adiante e por outros padres-línguas examinada e aperfeiçoada” (*Revista de Humanidades*, p.18). No entanto, tal afirmação não significa que a língua aí retratada tivesse sido adulterada!

Francisco González Luís refere que em 1556 Anchieta compôs um primeiro esboço que “...servió de primera cartilla para la enseñanza del tupi a los padres de la Compañía en el Colégio de Bahia (...) a *editioprinceps* de Coimbra deve contemplar un número no pequeno de *addenda e corrigenda*, fruto da experiência”, no entanto conclui, sublinhando que “...el material que ofrece el arte anchietana del tupi se muestra tan genuíno y auténtico...” (Luís, Francisco González, “La gramática de la lengua tupi...”, *in Actas del Congreso Internacional de Historiografía Lingüística- Nebrija V Centenario*, p. 114).

Frederico Edelweiss (antigo professor de tupi na Universidade da Baía) enfrenta os detractores dizendo que o objecto do corpus da *Arte* de Anchieta é o legítimo tupi dos índios. Evanildo Bechara partilha da opinião de Edelweiss, embora advirta que “a falsa sinonímia *língua mais falada e língua-geral* entre os historiadores e linguistas talvez adviesse da circunstância de haver em muitos títulos de obras gramaticais publicadas sobre as línguas dos povos conquistados do Novo Mundo a expressão *língua geral*” (Bechara, *op.cit.*, p. 519).

A contenda toma outros contornos quando o desagrado dos apologistas da antiguidade do tupi de Anchieta denunciam a “...leviandade com que esses linguistas estabelecem comparações infundadas e depreciam o que de fato não estão em condições

de avaliar” (Silva, Maximiano de Carvalho e “José de Anchieta: uno e múltiplo”, in *Actas*, p. 1014), pois, como acrescenta González Luís relativamente ao trabalho de Anchieta, “...que no podrían superarlo ni siquiera los métodos lingüísticos modernos o los recursos actuales” (Luís, Francisco González, *op. cit.*)

Importa reter que essa língua continuou a ser utilizada pela maioria dos nativos até meados do séc. XVIII, quando o Marquês de Pombal impôs a obrigatoriedade do uso do português. Todavia, as marcas profundas que o tupi deixou no léxico português do Brasil são indeléveis.

A Arte de Grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil

Fontes linguísticas – influências das gramáticas latinas, portuguesas e castelhanas.

Anchieta publica a sua gramática na época em que haviam sido publicadas as primeiras gramáticas de línguas vernáculas, largamente dependentes da gramática latina. Sendo um profundo conhecedor dos tratados latinos, graças à sua formação em Coimbra, utiliza na sua *Arte* essa terminologia fixada há muito tempo e familiar a todos. Da mesma forma o fizeram os autores humanistas em quem se baseou para elaborar o seu trabalho: Fernão de Oliveira (*Grammatica da Língua Portuguesa*, 1536); João de Barros (*Gramática de Língua Portuguesa*, 1540) ou o andaluz António de Nebrija (*Gramática Castelhana*, 1492 e nas *Introductiones Latinae*, 1481). A influência de Nebrija em Anchieta pode comprovar-se nas críticas que Guilherme Humboldt, linguista alemão, dirige aos autores de gramáticas de línguas ameríndias, num estudo em que os culpabiliza pela dificuldade que atravessam e ao objectivo de as submeter às regras da gramática latina de António Nebrija.

Se na terminologia gramatical, estilo e organização se reconhece a proximidade ao modelo latino, já no plano da obra e no tratamento dos assuntos, ajustados à nova realidade linguística, o afastamento é maior – “... torcer os fatos do tupi para acomodá-lo à regra e ao compasso do latim é que não se vê na *Arte* de Anchieta” (Bechara, *op. cit.*, p.521). Outro facto que este estudioso sublinha, não obstante aponte a escassez de estudos mais aprofundados, é que os fundamentos da gramática dos modistas e da gramática geral não serviram de orientação às descrições dos missionários das Ordens religiosas, nomeadamente a Anchieta ou Manuel Álvares, como alguém quis pressupor.

O recurso aos tratados de gramática latinos era inevitável pois só estes estavam dotados de ferramentas linguísticas fundamentais para a exposição da matéria gramatical e, por outro lado, serviam de contraste ao assinalar as diferenças entre as duas línguas.

É uma ponte que une dois mundos completamente diferentes “Por medio de esta conexão de una lengua civilizada y tan conocida como la latina se intenta hacer inteligible, es decir, encuadrar en las reglas del ars, a una lengua primitiva y desconocida como la lengua tupi” (Luís, Francisco González, *op. cit.* p. 109).

Estrutura da Gramática

A gramática de Anchieta apresenta uma estrutura semelhante à da *Gramática da linguagem portuguesa* de Fernão de Oliveira, pois também este gramático divide a sua obra em (50 breves) capítulos.

Anchieta expõe as várias matérias ao longo de 16 capítulos:

Cap.I. Das letras; Cap.II. Da Orthografia ou pronunçiação; Cap.III. De accentu; Cap. IIII. Dos nomes; Cap. V. Dos pronomes; Cap. VI. Dos Verbos; Cap. VII. Anotações na Conjugação; Cap. VIII. Da construção dos verbos activos; Cap. IX. De alguns verbos em que há Amphibologia; Cap. X. Das preposições; XI. De *sum, es, fui*; Cap. XII. Dos verbos neutros feitos activos; Cap. XIII. Da composição dos verbos; Cap. XV. Da repetição dos verbos; Cap. XVI. De alguns verbos irregulares de *aê*.

Os capítulos de extensão desigual deixam perceber uma maior preocupação com a morfologia da língua, em detrimento da sintaxe (tal como as gramáticas em vernáculo que surgiram na época).

Atentemos em algumas particularidades do tratado: no primeiro capítulo, dedicado às letras, Anchieta começa por referir a ausência de certos sons na fonética tupi: “N’esta língua do Brasil não há *f, l, s, z, r* dobrado, nem muta cum liquida...” (Anchieta, p.1).

Quanto ao sistema vocálico, considera as mesmas vogais que em português mas, ao contrário de Oliveira e Barros, considera o *j* como som vocálico, embora proponha como representação gráfica *i*. Esta mesma letra apresenta várias representações fónicas e nunca aparece como vogal nasal (como as outras vogais).

Nos capítulos dedicados à ortografia, pronúncia e acentuação, uma vez que o tupi era uma língua desprovida de escrita, Anchieta recomenda: “cada um fará como melhor lhe parecer” (p.10).

Do quarto capítulo até ao fim, Anchieta trata das partes do discurso: o nome, o pronome, o verbo e a preposição (juntamente com o advérbio e a conjunção).

Em relação aos nomes e verbos, Anchieta não aponta uma distinção clara entre estes dois elementos da oração, facto que se explica por o tupi ser uma língua de ordem livre, isto é, a ordem não indica as relações gramaticais de sujeito e objecto, como esclarece Yonne Leite, daí resultar a ambiguidade designada por Anchieta de *amphibologia* “sendo a terceira pessoa sujeito e objecto direto”. Com base nas explicações da mesma autora percebemos que nas línguas tupis, em geral, o passado e o futuro não são expressos nos verbos, como em português, mas nos nomes, pelo acréscimo de morfemas de passado ou futuro: “Em tupinambá o passado se faz com a partícula *puéra, uerá, éra*; o futuro com *ráma, áma, uáma*, como *mbaé puéra* (coisa que foi, antiga) e *mbaé ráma* (coisa que será, no futuro), (Leite, Yonne, “A gramática de Anchieta: 500 anos de língua tupi”, in *CiênciaHoje*, vol. 28, n° 163, p.46).

Originalidade etnolinguística

Como referem vários estudiosos, Anchieta foi inovador. Tinha noções claras no que concerne a estruturas e processos linguísticos. Apesar das condições rudimentares em que se movia (por exemplo, a difícil acessibilidade a manuais ou textos para se documentar devidamente), conseguiu eternizar o tupi na sua gramática, que foi a primeira dessa língua.

É um dos pioneiros dos estudos contrastivos da linguística comparada (pois serve-se do modelo latino para comparar e explicar a realidade do tupi). Alguns exemplos retirados da sua gramática ilustram essa originalidade etnolinguística: poucas vezes refere a diferença de falar entre homens e mulheres; o valor distintivo do *i* (apresentado como vogal oral e nunca nasal como as outras). Não se trata de uma língua pobre, sem estrutura, sem flexão e sem gramática, como alguns apontavam e que indignou alguns autores como Bernard Pottier ao citar o volume da *Lírica Portuguesa e tupi*, onde se pode ler que esta é uma “Língua quase sem tempos de verbos, porque de fato só lhes interessa o presente e este

sem muita preocupação, porque vai passando e dando vez ao futuro, sem se distinguirem muito entre si...”. Pottier revela serem “estas reflexões bastante criticáveis do ponto de vista conceptual” (Pottier, Bernard, “Anchieta etnolinguista”, *Actas do Congresso Internacional “Anchieta em Coimbra” (1548-1998)*, Ed. Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 1998, p. 242).

Finalidades

O principal objectivo a que se propõe Anchieta com a sua gramática é de ser o “...instrumento principal de que se apoiam os nossos Padres e Irmãos que se ocupam na conversão e gentilidade que há por toda a costa do Brasil” (Anchieta, *Arte*). A sua gramática pretende assim responder às exigências pedagógicas e didácticas vislumbradas. Destina-se a uma utilização prática e utilitária, relegando as especulações teóricas. Por essa razão, as regras linguísticas são descritas de forma simples e com base no uso quotidiano. O *uso* foi inúmeras vezes citado por Anchieta como sendo, por um lado, o pilar do seu trabalho e, por outro, a forma de aperfeiçoamento daquilo que expunha, “...mas o uso será o melhor mestre” (Anchieta, *Arte*, p.44); “...o uso o ensinará secundum subjectam materiam...” (p.69).

Perseguindo o mesmo objectivo para exemplificar os conteúdos gramaticais, colhe o vocabulário nas estruturas semânticas do quotidiano: “...a frecha foi afastada do pássaro” (p. 57); “Pedro come peixe; Pedro matou a onça...” (p.51); “...embarco-me em tua canoa...” (p.57).

Críticas à *Arte* de Anchieta

Para além das dúvidas já apresentadas quanto à natureza do *corpus* descrito por Anchieta, outra crítica que lhe é apontada é o comprimento das palavras. Há na *Arte* sequências gráficas bastante longas (frases complexas cuja grafia é aglutinada) “mas isso nunca corresponde, pelo menos na *Arte*, a um desejo de eloquência desmedida” (Pottier, Bernard, *op. cit.*, p.237). O mesmo estudioso justifica a crítica do Pe. Manuel Cardoso (já

citada) aquando da *Aprovaçam* da obra de Anchieta, alegando que se trata de um trabalho “neológico, forçosamente inovador”.

Outra observação que lhe é dirigida prende-se com a aplicação do modelo latino à descrição tupi, o que terá eventualmente prejudicado a sua análise dos processos fonológicos ou sintácticos nela existentes. Anchieta refere quase todas as partes do discurso da gramática romana e das partes declináveis como se no tupi existissem declinações; fala também das partes da oração segundo os moldes clássicos; aplica os sistemas paradigmáticos latinos com os seus modos e tempos às formas verbais do tupi, quando só se podem distinguir duas formas verbais que corresponderiam a um futuro e a um não-futuro (Luís, Francisco González, *op. cit.*, p.109); trata-se de uma frágil noção de tempo que se polariza entre “acção realizada” e “acção não realizada”.

Como criticam os detractores “Anchieta vio en la lengua de los índios demasiado latin...” e contestam os apologistas “...pero no más que qualquier outro gramático de su época” (Luís, Francisco González, *op. cit.*, p. 114).

“Huma lingua que (...) não tendo em tempo algum Grammaticos originaes, que a regulassem, Oradores, Poetas, Historiadores, que a ilustrassem (...) merece sem duvida alguma ser conhecida por todos os que reflectem na gradação dos seus processos (...), eles (falantes) na sua própria linguagem tiverão signaes para representar toda a sublimidade dos Mysterios da Religião da Graça; sem lhe ser preciso mendigarem-nos de outra língua”. (*Arte de Grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*, José de Anchieta, Prolegomena, p. X, XI)

Referências bibliográficas

ANCHIETA, José de, (1595) *A Arte de Grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*.

BARROS, João de, (1540) *Gramática de Língua Portuguesa*.

BECHARA, Evanildo, (1998) cit. Serafim Leite, 1938, “Sobre as ideias linguísticas...”, in *Actas do Congresso Internacional "Anchieta em Coimbra"*; coord. Sebastião Tavares de Pinho e

Luísa de Nazaré Ferreira, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Fundação Engenheiro António de Almeida.

CÂMARA, Joaquim Mattoso (1985) *História da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Ed. Vozes.

CAXA, Quirício (1957) *Breve vida e morte do padre José de Anchieta*, introd. e aparato crítico de Joaquim Ribeiro, Rio de Janeiro.

GÂNDAVO, Pêro Magalhães (1576) *História da provincia de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, of. António Gonçalves, Lisboa.

LEITE, Yonne, “A gramática de Anchieta: 500 anos de língua tupi”, in *CiênciaHoje*, vol. 28, nº 163.

LUÍS, Francisco González (1994) “La gramática de la lengua tupi...”, in *Actas del Congreso Internacional de Historiografía Lingüística "Nebrija V Centenario" (1492-1992)*, Murcia.

OLIVEIRA, Fernão de (1536) *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*.

PATERNINA, Estevan (1618) *Vida del padre Ioseph de Ancheta de la Compañia de Iesus y Provincial de Brasil*.

PINTO, Álvaro (1923) *Primeiras Letras: cantos de Anchieta, o diálogo de João de Lery, trovas indígenas*, Rio de Janeiro.

POTTIER, Bernard (1998) “Anchieta etnolinguista”, *Actas do Congresso Internacional "Anchieta em Coimbra" (1548-1998)*; coord. Sebastião Tavares de Pinho e Luísa de Nazaré Ferreira, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Ed. Fundação Engenheiro António de Almeida.

SILVA, Maximiano de Carvalho e, (1998) “José de Anchieta: uno e múltiplo”, in *Actas do Congresso Internacional "Anchieta em Coimbra" (1548-1998)*; coord. Sebastião Tavares de Pinho e Luísa de Nazaré Ferreira, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Ed. Fundação Engenheiro António de Almeida.

VIEIRA, Pe. António (2013) “Sermão do Espírito Santo”, *Sermões*, Círculo de Leitores.